



AVILÉS: ALGO MAIS QUE UM ESCRITOR

Xoán Rama, companheiro e amigo do escritor, conta o compromisso de Avilés com a Galiza

AVILÉS E TAGORE

A relação entre Antón Avilés de Taramancos e Robindronath Tagore. Dous poetas de dous mundos diferentes.



CAMÕES E AS MULHERES

O maior poeta em Português de todos os tempos era descendente de emigrantes galegos.

TEMPORADA DAS LETRAS



2003

Avilés e Camões

17 de Maio / 10 de Junho

Lembrança de Avilés de Taramancos

Aurora Marco

Taramancos é umha pequena aldeia do concelho de Noia, na ladeira norte do monte Sam Lois, entre a praia de Testal e um souto de castinheiros e nogueiras que se recorta no horizonte. Ali nasceu o 6 de abril de 1935, Antom Avilés Vinagre, Avilés de Taramancos. Infância feliz, decisiva para o futuro do escritor, que foi entrando maininho na vida do entorno, labrego e marinheiro. Em Taramancos achou a força criadora, o fermento do canto, com a terra, o mar e o amor como claves na sua vida e na sua poesia, com a avó e a mãe como pontos de referência estável. A sensibilidade, as vivências, as experiências da infância plasmarom-se nos versos daquele poeta, saudado desde as páginas de *Lar* (Buenos Aires) como “o mais novo da Galiza”. Com efeito, Avilés dedicou-se à escrita desde a etapa escolar: com doze ou treze anos compunha versos de exaltação de todo o galego, na sua vertente labrega e marinheira, e poemas de amor. A relação com o galeguista Manuel Fabeiro Gómez abriu-lhe as portas ao conhecimento e amor por Galiza e, na sua bem nutrida biblioteca, o poeta adolescente, aberto a novas aprendizagens, achou alimento

espiritual. Porque a leitura foi umha afeição constante na sua vida. A vocação precoce do noivê deu os seus frutos: colaborações, a partir dos quinze anos, na revista noiosa *Tapal*, em *Sonata Gallega*, *Lar*, muitos poemas perdidos ou em paradeiro ignorado e inéditos recuperados este ano em que é homenageado. Com a menção honorífica outorgada num certame poético celebrado em Noia (1952) o seu nome começou a soar no ambiente literário porque Otero Pedrayo, que assistiu à entrega de prémios, destacou a produção daquele moço “que prometia excepcionais dotes poéticas”.

Após cursar três anos de bacharelato, trasladou-se à Corunha em 1953 para seguir estudos de Náutica. Só fijo o ingresso: o mar era a paisagem de fundo da sua vida, umha sensação plástica, nom o entendia como objecto de estudo e singradura. A estadia na cidade herculina abriu-lhe umha janela ao mundo, ao conhecimento da literatura universal, da mão de Urbano Lugrís –o pintor surrealista de mundos marinhos, de sereias aladas e serpes de mar, de cunchas e lavandeiras, também poeta– e em meio da boémia corunhesa, em contacto

com pintores, escritores, músicos, gentes do teatro... Com o grupo de Teatro de Cámara, dirigido por António Naveyra Goday, acudiu a Ourense o 12 de junho de 1955 como ajudante de direcção, para a representação de *La mujer más probada*, auto sacramental de López Cid, na igreja de Santa Eufémia. Anos também de afaçamento no compromisso nacionalista com os irmãos Carré Alvarelos, Johám Casal, Reimundo Patinho, Henrique Iglésias, Eduardo Martínez, Álvaro Cebreiro, os irmãos Vilar Chao, Alexandre Crieiro, Manuel Maria,

Novoneira. A permanência na Corunha, de 1953 a 1960 –com o parêntese em Ferrol de 1956 a 1958 para cumprir o serviço militar– nom fijo mais que acrescentar a vocação nascida em Taramancos: a sua assinatura apareceu em novas publicações: *4 Ventos* (Braga), *Atlántida*, *Aturuxo*, *Amanecer*, *La Noche*... Dous poemários, moi bem acolhidos pela crítica, viriam confirmar aquela impressom de Otero Pedrayo: *As moradias do vento* (1955), com

Continua na página seguinte



Reivindicar a galeguidade de Luís de Camões no século XXI

Joám Manuel Araujo

*“ó poeta imortal en cujas vejas nobre sague galego fermentava!”
(Rosalía de Castro)*

LUIS

Amigo sempiterno

Quero aprender teu cantar!

Quero ser teu companheiro

Contigo

peregrinar!

(Ernesto Guerra da Cal)

Herminio Barreiro, professor da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Santiago, publicou no Outono de 2002 o volume *No solar galego de Camoens*. Com este trabalho, o prestigioso investigador visava

contribuir à homenagem ao Padre Sarmiento, com ensejo de se lhe ter dedicado a celebração das Letras Galegas.

Barreiro revisa bibliografia, a começar polo próprio Sarmiento, sobre a origem galega de Camões, que em nenhum momento pom em dúvida, e que assim é também reconhecida por Hernâni Cidade, biógrafo português do épico, e por outros especialistas que o estudárom e estudam em diferentes países (entre eles Filgueira Valverde, Landeira Yrago e outros galegos). Mas discute que a terra dos seus antepassados seja só Camos (em Nigrám), e formula a hipótese de que pudessem ter

relacionamento também com a comarca de Noia e Fisterra. Em todo o caso defende, como é comum, que era descendente de Vasco Peres (ou Pires) de Camões, também poeta, um

Camões foi quem fizo que umha ourensana da Límia, Inês de Castro, chegasse a ser [...] a galega mais conhecida e celebrada no mundo.

galego que em 1370, durante o reinado de D. Fernando, passou para Portugal, onde ficou.

Este trabalho continua, no século XXI, a reivindicação do sangue galego de Camões.

Para além do antecedente de Sarmiento, foi umha constante no Ressurgimento do século XIX, onde o considerárom mesmo a principal figura da Literatura Galega, e a própria Rosalía de Castro lhe dedicou um conhecido poema; e continuou no XX. Estre as figuras que na passada centúria o reclamárom merece destaque Ernesto Guerra da Cal, polo “Poema a Luís de Camões”, do livro *Lua de Além-Mar*, publicado e difundido em vários países, como Portugal, Brasil, Moçambique... E também Guerra da Cal, no “Antelóquio indispensável”, do posterior poemário *Futuro Imemorial*. *Manuel de Velhice para Principiantes* se refere ao sangue “que corria ancestralmente pelas veias de Camões, de Eça, de Pessoa”,

defendendo assim a galeguidade dos três nomes cimeiros da Literatura Portuguesa.

Em Portugal, o 10 de Junho é festa nacional, em homenagem a Camões. O grande épico tem reconhecimentos na Galiza, em cidades como A Corunha ou Vigo. Desde aqui propomos que também Ourense o homenageie, com a dedicatória de umha rua ou praça, o descerramento de um busto, um monumento... Afinal, Camões foi quem fizo que umha ourensana da Límia, Inês de Castro, chegasse a ser polos seus amores como o rei Dom Pedro de Portugal a galega mais conhecida e celebrada no mundo.

Só por isso (mas nom só!), Camões bem tem merecido ser lembrado em Ourense.

QUE COUSA É A TEMPORADA DAS LETRAS?

Amigo(a) leitor(a), o que agora tens nas tuas mãos é o primeiro projecto da GZe-ditora.

Umha nova iniciativa que abre as suas portas lembrando os dias mais importantes das nossas letras galego-portuguesas: **A temporada das letras**, 17 de Maio e 10 de Junho, dia das letras galegas e dia de Camões.

Nesta publicação inaugural preparamos um especial no que tentamos chegar-nos às figuras de Avilés de Taramancos e Luís de Camões.

Ambos autores som umha boa mostra de vitalidade e universalidade da nossa língua.

Um pequeno destacável que nasce como umha iniciativa da **Associação Galega da Língua** (AGAL), nomeadamente da Comissão Informática e do Portal Galego da Língua.

Esperamos que gosteis e desfruteis da leitura, e agradecemos-vos por adiantado as vossas opiniões, sugestões, críticas, parabéns,... que podeis enviar ao nosso endereço de correio-e: **e-ditora@agal-gz.org**

Lembrança de Avilés de Taramancos

Aurora Marco

vem da página anterior

o vento como motivo literário daquela poesia musical, poesia da natureza, humanizada, e *A fruta y-o garamelo* (1959), que tem por protagonista toda umha escolania de páxaros (a rola, o merlo, o paspalhás, a cotovia).

Na volta a Taramancos (1960-1961) pensou na emigração, para buscar umha solução económica à sua vida e também para fugir de certas pressões provocadas polo ambiente social que ainda se vivia. Em outubro de 1961 partiu para Colômbia com a bagagem ligeira, a mala cheia de castanhas, um gabám no braço e poucos cartos no peto. Em vinte anos de emigração-exílio americano (1961-1980), desempenhou os mais variados ofícios –ligados muitos deles ao mundo da hotelaria– sobretudo os dez primeiros em Bogotá. Ali conheceu Sofia Baquero Céspedes, con quem compartilhou a vida, mai dos seus filhos: Santiago, Luís e Guilherme. Os derradeiros anos de estadia no país andino, de maior estabilidade para a família, transcorrêrom em Cali (1971-1980), como gerente da “Librería Cultural Colombiana”. Esta foi umha etapa decisiva para o escritor: ali compujo *Poemas da ausencia* (a 1ª parte em 1963 e a 2ª em 1969), os poemas do emigrante que se enfrenta à saudade; os

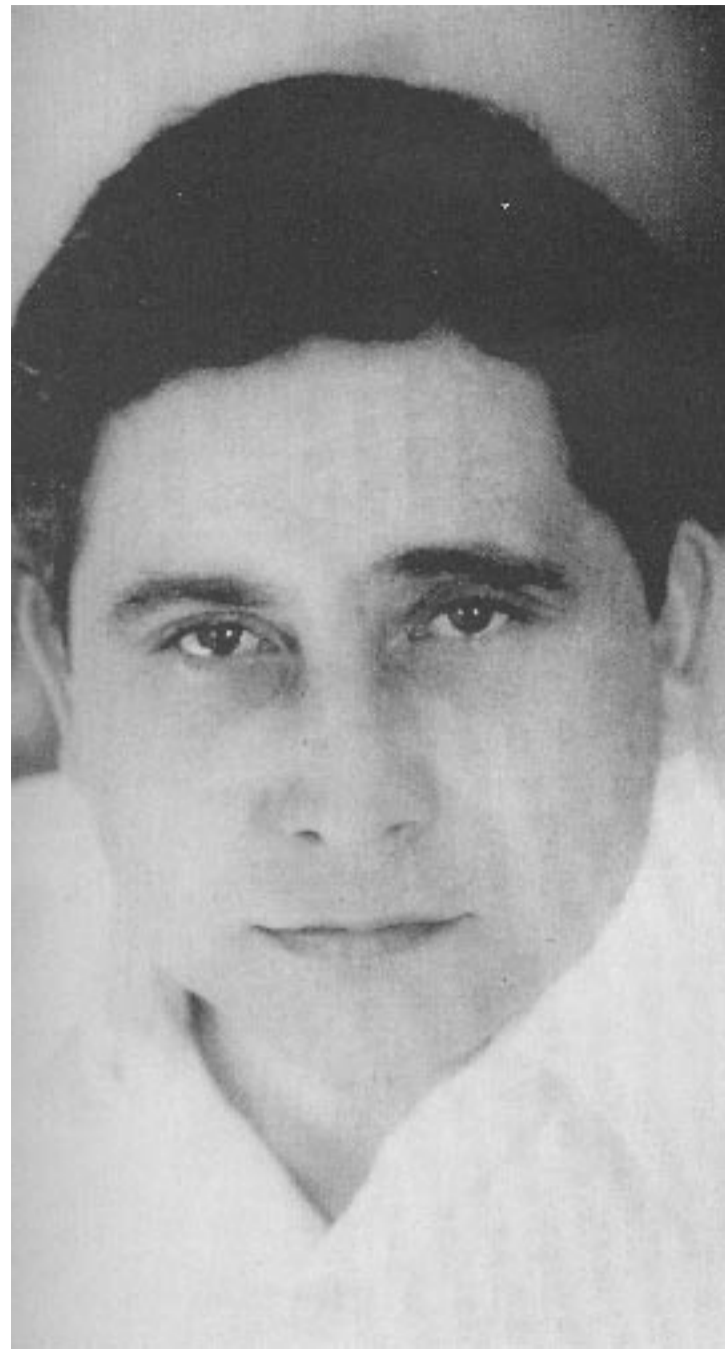
poemas do tigre malferido pola dor. Em Colômbia está o germe dos *Cantos caucanos*, da *Nova crónica das Indias*, e as leituras daquela etapa –nomeadamente de poetas brasileiros– estão presente em *As torres no ar*, livros que virom a luz umha vez regressado a Noia.

Ao voltar à terra, em abril de 1980, quijo devolver-lhe, com a sua entrega e entusiasmo, os vinte anos de ausência. Montou um negócio de hotelaria, “Tasca Típica”, que aginha se converteu em centro de reunión e de actividade cultural. Em 1982 publicou *O tempo no espello*, que recolhe nom só a obra de mocidade publicada más também os inéditos que escrevera antes de partir –*Poemas a Fina Barrios. Pequeno canto, Poemas soltos a Maricarme Pereira*– e os compostos em Colômbia, *Poemas da ausencia* e *Nova crónica de Ulises*. Com este livro, umha excelente carta de apresentação, deu-se a conhecer ao público galego que desconhecía a sua obra, e atingiu o reconhecimento das novas gerações. O contacto com Galiza, com a gente que o fazia sentir, a recuperação das raízes e da força criadora, dérom-lhe um vigor extraordinário. Avilés pujo-se a trabalhar de forma incessante na actividade literária, cultural e política. Tivo tempo para lhe dedicar ao serviço público, como Concelheiro de

Cultura de Noia de 1987 a 1991, dentro do BNG, um período enormemente produtivo a nível de realizações.

Nesta década de oitenta publicou o máis destacado da sua obra literária: *Cantos caucanos* (1985), Prémio da “Asociación de Escritores de España” em 1986 e finalista do Nacional de Literatura, livro nascido da saudade revertida, do amor a Colômbia, umha homenagem a aquela terra percorrida pola luz extensa do Cauca; *As torres no ar* (1989), que supom a recuperação do paraíso perdido, umha maneira de entrar de novo na terra retomando o tempo da infância; o livro de relatos *Nova crónica das Indias* (1989), escrito ao jeito das antigas crónicas, que oferece umha visom da terra americana onde viveu, misturada com elementos autobiográficos; o livro póstumo, escrito durante o processo de enfermidade, *Última fuxida a Harar* (1992), onde o autor se enfrenta a umha morte anunciada com enorme lucidez; e a peça de teatro que ficou inédita *Tres capitáns de tempos idos* (2003).

Avilés de Taramancos morreu o 22 de março de 1992. Aquele home sensível, rebelde, apaixonado, generoso, comprometido com Galiza e com a língua, deixava atrás umha vida rica em amizades, em amor, e umha obra literária que há que situar no cume da literatura galega do século XX. Ler a sua obra, senti-la, desfrutá-la, é a melhor homenagem que lhe podemos tributar neste ano a ele dedicado.



Avilés e Tagore

José Paz Rodríguez

Levamos já bastantes anos investigando sobre a vida e obra de Rabindranath Tagore (o verdadeiro apelido é Thakur, modificado polos británicos para Tagore com o qual é mundialmente conhecido). O primeiro que deu a conhecer a Tagore no nosso país foi Vicente Risco, já em 1913, antes do casal Zenobia Camprubí e Juan Ramón Jiménez. Entre os galegos que admiravam Tagore, além de Risco, estavam Joám Vicente Biqueira e Emília Pardo Bazán. Entre os vivos, além de quem isto subscreve, Joaquín Gallego, a poetisa ourensana Pura Vázquez e Avilés de Taramancos.

Há uns poucos anos que nos inteiramos de que Avilés tinha proferido em Fevereiro de 1954 na Corunha, uma conferência sob o título «Rabindranath Tagore, poeta sem tempo nem distância». Esta conferência foi publicada no número monográfico dedicado a Avilés pola revista Luzes de Galiza, nº 21 de Fevereiro de 1993, página 22. Na excelente monografia humana escrita pola professora Aurora Marco, recentemente publicada

com o significativo título de Avilés de Taramancos. Un francotirador da fermosura pudemos corroborar o mencionado anteriormente.

Como chegou Avilés a conhecer Tagore e gostar da sua poesia? Quando Antom Avilés profere a formosa conferência, tem só dezanove anos. O mesmo que em Tagore, a vocação literária

Avilés tinha proferido em Fevereiro de 1954 na Corunha, uma conferência sob o título «Rabindranath Tagore, poeta sem tempo nem distância»

de Avilés começa muito cedo. Em 1950, com quinze anos, saem a lume os seus primeiros poemas na revista Tapal. Sabe-se que já alguns anos antes tinha composto poesias. Da conferência sobre Tagore, devemos concluir que tinha lido antes vários livros de poesia e teatro tagorianos. Infelizmente em edições castelhanas, traduzidas do inglês por Zenobia Camprubí com a ajuda do seu esposo Juan Ramón Jiménez. Tendo em

conta os anos em que as pôde ler é provável que pertençam à editorial Losada de Buenos Aires, onde depois da guerra «incivil» se publicaram a maioria das obras tagorianas traduzidas ao castelhano. Ainda hoje é muito difícil aceder às traduções brasileiras e portuguesas. De O Jardineiro, uma das obras lidas por Avilés, tal como resenha Aurora Marco no seu livro, existem no Brasil (Rio de Janeiro), duas traduções diferentes: uma, a primeira, de 1927, a outra de 1939. A primeira em inglês foi publicada em Londres no 1913 e a primeira em castelhano em Madrid no 1917.

É de todos conhecida a afeição de Avilés pola literatura. Nos anos 50, residindo na cidade herculina, participa na «Penha Amanhecer» que, entre outras actividades, organizava recitais poéticos. Como um dedicado no seu dia a Juan Ramón Jiménez. Também na cidade de Ferrol, pola mesma época, é amigo dos membros do grupo Aturujo, que publicam já em 1952 uma revista bilingue com esse nome e organizam debates, tertúlias e festas da poesia. Como nos conta a professora Aurora Marco, um dos seus maiores amigos foi o pintor José Luís Rodríguez

Sánchez que tinha um estúdio na rua Real da Corunha. «Ali se juntavam aquele grupo de artistas da palavra e do pincel e liam O Jardineiro

O mesmo que em Tagore, a vocação literária de Avilés começa muito cedo.

de Tagore», em palavras de Aurora Marco.

Nom nos estranha que os poemas tagorianos entusiasmassem o jovem Avilés. O Jardineiro é uma selecção de poemas de amor tirada maioritariamente de oito livros originais de poemas em bangla (nome que se lhe deve dar ao idioma bengali), traduzidos polo próprio Rabindranath ao inglês, foram publicados em Londres com o título de The

Avilés interpreta de forma admirável Tagore. Da sua poesia diz que é «singela e pura, sincera e doce, humana e espiritual».

Gardener e depois traduzidas a outros muitos idiomas. Este livro mesmo engaiolou a Pablo Neruda que recebe dele uma grande influência para os seus Vinte poemas de amor, o livro de poesia

mais editado no mundo. Mesmo um poema nerudiano é uma paráfrase do poema número 30 de O Jardineiro de Tagore.

Na conferência de Avilés sobre Tagore interpreta perfeitamente as intenções tagorianas, a sua sensibilidade poética, as suas ideias e pensamentos. Avilés diz, muito acertadamente, «Um destes poetas que deixam uma corda sensível da sua alma em cada estrofa é Rabindranath Tagore, pintor, humanista, patriota e educador». Além de ter lido O Jardineiro, o nosso poeta mostra-nos que leu também O Ciclo da Primavera, formosíssima obra teatral de Tagore escrita para ser representada polas crianças da sua escola ao ar livre de Santiniketon, durante as festas da primavera (Falgum em bangla). Avilés interpreta de forma admirável Tagore. Da sua poesia diz que é «singela e pura, sincera e doce, humana e espiritual». Em resumo, de forma magistral: «Esta singeleza com que Tagore adorna os seus versos deixam em nós um algo incompreensível que faz a sua obra ainda mais bela. É como um perfume que se espalha polas febras sensíveis do nosso coração e todos vivemos o que ele viveu».

Aproximaçom a um político: Antón Avilés de Taramancos

Xoán Rama Trillo

“Hoxe temos a patria por liberar. Milleiros de mans novas, milleiros de voces, milleiros de corazóns, como bandeiras reclaman unha Galiza aberta e sen fronteiras, dona de seu, co seu lugar no mundo”

Avilés de Taramancos,
25 de Julho de 1990.

O momento do nascimento de Avilés já tem umha carga profundamente política que sem dúvida influi no Avilés neno: A guerra civil espanhola.

A sua opção desde moi neno polo uso do nosso idioma como reafirmação pessoal e do seu contorno declara a simples vista umha marcada linha de defesa da língua e da pátria desde os seus primeiros passos como ser consciente e independente. E assi, mesmo sem querer, já tropeçamos co Avilés político.

Avilés de Taramancos em nengum momento deixa de escrever nos seus anos moços no nosso idioma. O prémio outorgado polo Casino de Nóia (1952) coa presença de Otero Pedrayo entre outros, sem dúvida já enquadra definitivamente Antón no mundo do nacionalismo político.

Coa sua saída de Nóia (1953) e a sua estada na Crunha, da mao de Urbano Lugrís, conhece os intelectuais do momento, que enriquecem a sua bagagem cultural e o seu compromisso co País. Daí nace o “Juramento de Laracha”, juramento de amor, vida e morte pola terra, subscrito por Reimundo Patiño, Xohán Casal, Enrique

Iglesias, Eduardo Martínez e el mesmo. Nesta mesma época também conhece Manuel María, Novoneyra e Alexandre Criebeiro, companheiros que influem na sua trajetória.

Participará nas primeiras manifestações contestatárias da cidade em defesa da língua e do País por meio de obras de teatro, recitais, divulgação de textos, etc..

Todo isto leva-o depois a ser “avisado” para abandonar Galiza, exiliando-se na Colômbia, onde ao longo dos 20 anos que ali morou conhece e toma contacto directo cos

Coa sua saída de Nóia e a sua estada na Crunha, da mao de Urbano Lugrís, conhece os intelectuais do momento

movimentos de esquerda e de libertação nacional da América do Sul, participando em todo tipo de eventos que implicaram a dignificação do home e da sua liberdade individual e colectiva. Mais nunca esquece a sua pátria ainda nom libertada, que necessitava do seu Ulisses, tam próprio a el, para erradicar todos os factos que estavam a violar e esquilmar, mal governar, o seu País. Esse Ulisses (Avilés) tinha de voltar a Itaca para autodeterminar o seu povo e colocá-lo no sítio que lhe corresponde, um povo que debe estar situado devidamente no mundo, um povo orgulhoso de seu que conviva livremente

numha terra solidária. Avilés manifesta-se como um home nacionalista profundamente universal.

Antón Avilés de Taramancos, umha vez de volta, dá-se conta que a Galiza que el deixou já nada tem a ver coa que tem diante dos olhos (O tempo no espelho) e decide desde o primeiro momento radicar cos seus, começando por conectar cos velhos amigos do mundo literário e cultural que deixara na sua fugida à Colombia, mais automaticamente enxerga que hai que dar um passo máis adiante e afilia-se ao Bloque Nacionalista Galego no momento da sua fundação na Crunha. A partir daí, em Nóia articula toda umha série de trabalhos e dinâmicas literárias e políticas na direcção indubitável da construção nacional, acovilhando ao seu redor todos cantos novos se achegavam a el ou as manifestações de tipo cultural ou político que se desenvolviam, trabalho que se encontra, em vários casos, coa miopia dalguns sectores nacionalistas, o que o leva a criar o Colectivo Nacionalista de Independentes de Nóia dentro do B.N.G. (1986). Todo este trabalho deu fruto e nom longe criou em Nóia a Associação cultural CATAVENTO, que seria o germe para o grande êxito eleitoral de 1987 nessa vila, onde alcança o B.N.G. a alcaldia. Antón Avilés de Taramancos foi eleito concelheiro, no número 4 da lista apresentada polo Bloque Nacionalista Galego, e posteriormente nomeado

concelheiro de Cultura, cargo que manteve ao longo de toda a legislatura.

A sua posição vital de nunca desfalecer e a quase obsessiva importância que outorgava a preparar a nosa gente para a libertação e construção da Itaca (Galiza) leva-o imediatamente a provocar um abundante elenco de projectos tanto educativos (Teatro na

Criou em Nóia a Associação cultural CATAVENTO, que seria o germe para o grande êxito eleitoral de 1987

escola, publicações de todo tipo, criação dumha Casa de ofícios “Escola obradoiro”, reabilitando o importante patrimonio da vila onde destacam as laudas gremiais, a Igreja de Santa Maria a Nova ou o Hospital de Adentro, Criação do conservatório municipal... como de conservação (restauração do arquivo notarial do concelho, inventário de património histórico

Politicamente pragmático, sofreu o que ninguém pode imaginar por levar adiante as suas/nossas ilusões

artístico... ou infraestruturas (Casa de Cultura e Coliseu Noela –centro de exposições, cinema e teatro a partir dum velho cinema da localidade-, etc..). Exposições e festas de tipo popular onde incentivar o melhor do que se estava a fazer no País e fora del eram outras das moitas iniciativas.

Neste breve tempo dumha legislatura consegue pôr as bases dum novo florecimento do mundo cultural e participativo na vila, de umha perspectiva ampla e generosa, e nom raquítica ou mesquinha, conforme ao acontecer cultural da Galiza e das influências e entederes dentro do mesmo, procurando e nom deixando de lado a participação de todo o povo nas suas diferentes manifestações, e estando moi atento ao seu pulso, escoitando todo aquele que se acercava pola sua íntima e aberta —como era o seu carácter— Tasca Típica, onde tantos eventos temos realizado desde a sua chegada e onde todos e todas as que por ali passaram, podem dar fé, encontraram o afectuoso recebimento do Antón.

El sabia que o trabalho político a levar adiante tinha que ser constante e esas Torres no ar (as nosas utopias) que el e todos imos construindo viriam máis dumha e outra vez ao chao, mais umha e outra vez teriamos-las que erguer sem nos desalentar. El sabia desse tremendo trabalho sofrido.

Foi um home politicamente pragmático, sofreu o que ninguém pode imaginar por levar adiante as suas/nossas ilusões, definitivamente, os seus projectos. Contodo, em nengum momento deixou de lembrar as nossas esperanças numha terra melhor.

Nos últimos anos, e logo de sofrer o cainismo próprio da falta de ética e cordura moral e do vantagismo político, o nosso Ulisses abandonou o Concelho de Nóia para formar cos seus companheiros umha nova Torre no ar: Esquerda Nacionalista.



Bibliografia de Luís de Camões

A obra de Luís de Camões, como a de todos os grandes homens da humanidade, é imensa. Teófilo Braga publicou, já em 1880, um volume de 253 páginas de bibliografia. Nós aqui vamos dar uma brevíssima listagem de algumas.

Luís de Camões, **Os Lusíadas**, Lisboa, 1572.

Luís de Camões, **Rimas**, Lisboa 1595.

Luís de Camões, **Os Lusíadas**, edição fac-similar, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1928

António José Saraiva, **Os Lusíadas e o ideal renacentista da epopeia**, Lisboa, 1946.

Hernani Cidade, **Luís de Camões: I Lírico; II O Épico; III Os Autos e o Teatro do seu Tempo**, Lisboa, 1952-1956.

Luís de Camões, **Obra Completa**, Porto 1970.

Luís de Camões, **Os Lusíadas** (leitura, prefácio e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão), Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1972.

Luís de Camões, **Os Lusíadas**, edição organizada por Emanuel Paulo Ramos, Porto Editora, 1974

Luís de Camões, **Os Lusíadas**, Edição de António José Saraiva, Figueirinhas/Porto, 1978. *Obra muito interessante porque vai acompanhado o texto de uma paráfrase cuja função é dar um fio condutor para a interpretação gramatical e semântica do mesmo, o que facilita enormemente a compreensão do texto.*

Leodegário A. de Azevedo Filho, **Lírica de Camões**: Vol. 1 História, Metodologia, Corpus; Volume 2: Sonetos; Volume 3: Canções, Odes; Volume 4: Elegias em Tercetos, Oitavas; Volume 5: Eclogas; Volume 6: Redondilhas; Volume 7: Glossário. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
A obra mais ambiciosa e melhor cuidada de todas as que tratam a lírica de Camões.

Camões e as mulheres

Carlos Quiroga

Inúmeros autores das Letras de Portugal nos apelam, de várias vertentes e para além da língua. Porque estamos neles num mesmo carácter e sentimento geral de olhar o mundo; porque estão em nós, nos nossos autores mais representativos, embora nem sempre isso tenha transcendido. E, de entre eles, é sem dúvida Luís Vaz de Camões (1525?-1580), o maior poeta em Português de todos os tempos, o que mais nos reclama pelo seu alargado impacto, não apenas como o autor do poema épico *Os Lusíadas* (1572), não apenas pela sua poesia lírica postumamente publicada, mas também por ser um descendente de emigrantes galegos. Quanto ao primeiro, o seu impacto literário está bem cedo na Galiza e talvez acima da vasta influência impingida no resto de toda a literatura Ocidental. Passa por nomes que vão do célebre "Soneto de Monterrei" (mesmo durante algum tempo atribuído a Camões), ao soneto barroco de Gómez Tonel; recreia-se em Rosalía de Castro e em Curros; alarga-se epicamente em Vaamonde Lores, vai estando aqui e ali em toques mais leves, e chega a estar por trás, seguramente, até dos próprios sonetos de Avilés de Taramancos. Por Camões e para Camões voltam os olhos de Murguía até Pedrayo, por não mentar os Alfredo Vicenti, Lúgris Freire ou o persistente Filgueira, nem aludir a outros galegos e galegas que na actualidade continuamos revisitando-o de diversos pontos de vista (Isabel Morám, Dasilva, Herminio Barreiro). E é que a apropriação do autor, e não só por identidade de língua e motivos estéticos, resulta mais legítima tendo em conta o segundo aspecto mencionado, a que agora vamos.

Embora se disponha apenas de frágeis informações

e montanhas de irrelevante erudição (ou romanesca imaginação), acumuladas durante quatro séculos, os dados assentados acerca de Camões num sentido estritamente biográfico indicam inequivocamente a sua procedência galega.

Poucos poetas europeus do seu tempo atingiram tão vasto conhecimento de cultura clássica e moderna, assim como de filosofia

A informação segura procede das declarações do seu primeiro biógrafo do século XVII, de documentos descobertos no XIX, com alguma investigação acerca da sua família desde então, e das alusões muito abstractas à sua vida e obras. Provavelmente nasceu em Lisboa (outras cidades o reclamam) quando a expansão portuguesa estava no auge. As pesquisas modernas esclarecem que não foi um burguês promovido ou cavaleiro pícaro, mas que estava bem aparentado com uma empobrecida aristocracia. A sua família tinha emigrado da Galiza para Portugal com Vasco Pérez de Camões (tetra-avô de Luís Vaz e ele mesmo poeta, tendo-se perdido as suas obras) por motivos políticos, no último

Camões amou muitas mulheres, [...] algumas das suas obras, mencionam apenas prostitutas ou damas muito acessíveis e não altamente colocadas

quartel do século XIV. Poucos poetas europeus do seu tempo atingiram tão vasto conhecimento de cultura clássica e moderna, assim como de filosofia; e, sem embargo, não existem provas de que tenha estudado

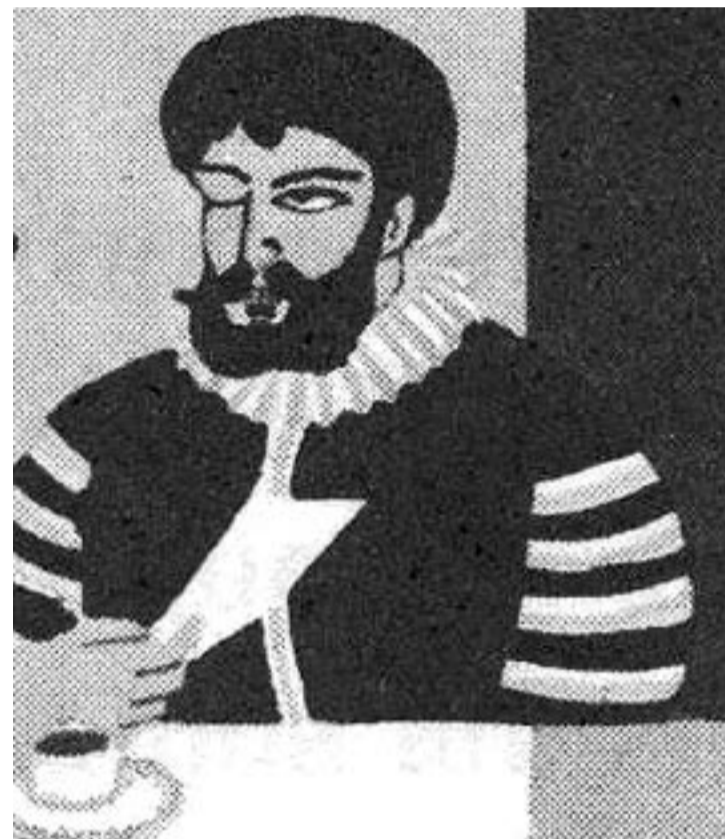
na universidade de Coimbra, ou sequer que tenha seguido estudos regulares. Na juventude teria estado nos territórios portugueses de Marrocos, exilado ou apenas porque era onde os jovens portugueses iniciavam uma carreira militar que os qualificava para os favores reais. Partiu para o Oriente quando era um jovem poeta entre muitos; ausente de Portugal dezassete anos, quando voltou, muitos dos seus grandes contemporâneos tinham morrido e a prevalecente orientação da Contra-Reforma já não estava de acordo com o aberto paganismo da sua obra. "Amor e Desconcerto do mundo" citam-se até à saciedade como núcleos dela, e, quanto ao Amor, acham-se tanto argumentos de neoplatonismo como de carnalidade evidente. Mas a mulher é sempre protagonista.

É, sem embargo, imaginação ou mera invenção aquilo de sugerir-se a Princesa D. Maria, filha do rei D. Manuel e solteirona famosa entre os ricos europeus e o seu círculo de sábias damas, como a grande mulher motivo dos exílios do poeta. Ficou barata com base apenas na interpretação errada dos clichés petrarquistas e neoplatónicos quanto ao nome retribuído amor, à maneira cortês. Com certeza Camões amou muitas mulheres, para além destes modos convencionais, mas as suas cartas em prosa e algumas das suas obras graciosas, mencionam apenas prostitutas ou damas muito acessíveis e não altamente colocadas, que deveriam receber as suas metrificadas homenagens pelo que eram ou não eram, já que o Amor, para ele, era também uma metáfora para alguns graus de saber espiritual. A sua vida boémia não é a que mais pode interessar-nos, mas humaniza a sua figura, de modo que vale a pena reparar como nas cartas se lamenta de que em Ceuta as damas "portuguesas todas caem de maduras", e se às da terra

"lhe faleis alguns amores de Petrarca ou de Boscão" elas respondem com um linguajar que "lança água na fervura da mor quentura do mundo". Das de Lisboa, vai enumerando a um amigo as "que som de muitos", as altivas beatas com roupa interior delicada cujos favores só por dinheiro se conseguem (e também "cozem neste forno frades"), as damas de aluguer, as sortes de conhecidas casas e mulheres, "E todo o destas senhoras é brando, rostos novos e canos velhos"; e ainda noutra carta dá notícia a outro amigo das peripécias de várias putas. A sua vida de soldado não podia furtar-se à realidade de que a tropa exige

versos camonianos (como no retrato de Vénus ou no famoso canto IX do poema épico), porque só daí podia tirar experiência e copiar modelos.

Quando Camões volta a Portugal, após dezassete anos no Oriente, recebe uma tença real pelos serviços prestados na Índia (nome como prémio por *Os Lusíadas*, como se tem dito). Discutiu-se a suficiência da tença para uma reforma decente, e parece que não era má de todo. Mas, segundo os seus primeiros biógrafos, Camões foi sempre dado a gastar quanto tinha, em que a compra daqueles citados



maior número de mulheres para satisfazer as suas necessidades, como estimava Dugniolle, um médico respeitável metido a fazer estimativas da necessidade de prostitutas segundo a população. Recordemos que, segundo Valério Máximo, na Terceira Guerra Púnica foram lançadas dos exércitos 2000 mulheres públicas. Por outro lado, no plano literário, creio que as putas, reais ou procedentes das leituras do paganismo greco-latino, pesam bem mais do que se tem reparado em muitos

favores talvez importe também. A mãe, viúva, sobreviveu-lhe e a tença foi renovada no nome dela. Por estes documentos pode ser estabelecida a morte do poeta: 10 de Junho de 1580, por envelhecimento prematuro, provocado por doenças e dificuldades, provavelmente. Os ossos transferidos com pompa para um túmulo gloriosamente gótico-revivalista no Mosteiro dos Jerónimos em Lisboa, no terceiro centenário da sua morte, não som evidentemente os dele.